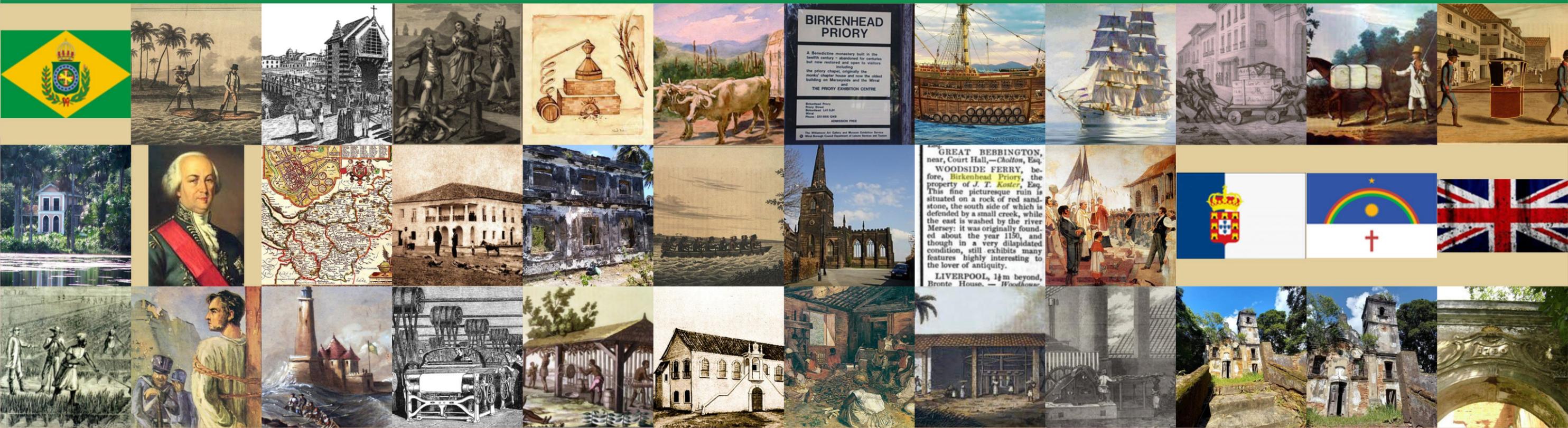
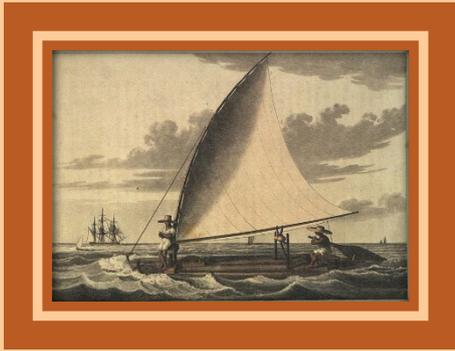


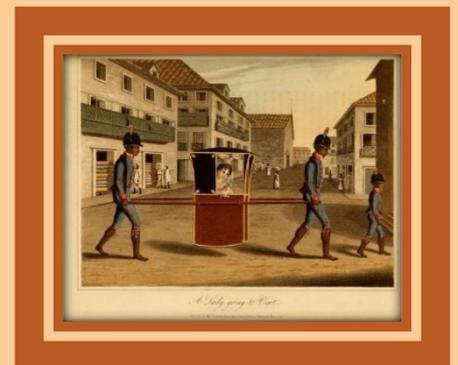
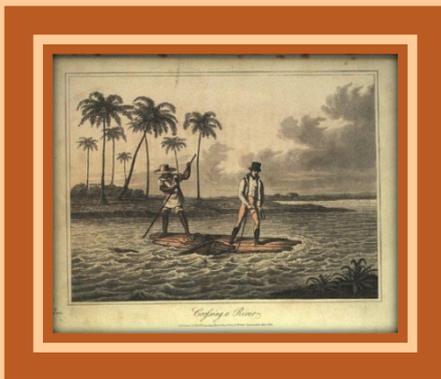
NAVEGANDO, ARRUANDO E CAVALGANDO PELOS CAMINHOS ATLÂNTICOS DO LUSO-BRITÂNICO

HENRY KOSTER NAS CAPITANIAS DE PERNAMBUCO





**NAVEGANDO, ARRUANDO E CAVALGANDO
PELOS CAMINHOS ATLÂNTICOS
DO LUSO-BRITÂNICO HENRY KOSTER,
NAS CAPITANIAS DE PERNAMBUCO**



FICHA TÉCNICA

Esta Cartilha é o apêndice I do Relatório Técnico de mestrado profissional do PPGH/UNICAP
**NAVEGANDO, ARRUANDO E CAVALGANDO PELOS CAMINHOS ATLÂNTICOS
DO LUSO-BRITÂNICO HENRY KOSTER NAS CAPITANIAS DE PERNAMBUCO**

Orientador: Tiago da Silva Cesar

Orientando: Saulo Vilar de Campos Silva

SUMÁRIO

HENRY KOSTER: ENTRE 04 PROJETOS DE PODER E O ATLÂNTICO.....	03
HENRY KOSTER OU HENRIQUE DA COSTA: ETNICIDADES AMBÍGUAS ?.....	04
LIVERPOOL: NAVEGANDO NO PORTO SEGURO DA FAMÍLIA KOSTER.....	07
PORTO E PRAÇA DE PERNAMBUCO SOB OS OLHARES DE HENRY KOSTER.....	10
AS FORTIFICAÇÕES E AS INSTITUIÇÕES DE CONTROLE.....	11
ARRUANDO COM KOSTER NA VILA DE SANTO ANTÔNIO DO RECIFE.....	13
FREGUESIA DE SÃO FREI PEDRO GONÇALVES (RECIFE)	14
FREGUESIA DE SANTO ANTÔNIO E SÃO JOSÉ.....	15
FREGUESIA DA BOA VISTA.....	17
FREGUESIA DOS AFOGADOS ILHAS DO PINA E DO NOGUEIRA.....	18
FREGUESIA DE SANTO AMARO DAS SALINAS.....	19
OUTRAS FREGUESIAS E ARRABALDES DA VILA DO RECIFE.....	20
COMARCA DE OLINDA E SEUS ARRABALDES.....	20
O REFORMISMO ILUSTRADO PORTUGUÊS EM PERNAMBUCO.....	22
CAVALGANDO COM KOSTER PELOS SERTÕES DAS CAPITANIAS DE PERNAMBUCO.....	24
O CAPITALISMO E AS ANTROPIZAÇÕES DA AGROPECUÁRIA COLONIAL.....	25
DOS ENGENHOS DA MINHA TERRA SÓ OS NOMES FAZEM SONHAR.....	27
NACIONALISMOS E IDENTIDADES ÉTNICAS NO OITOCENTOS BRASÍLICO.....	31
OS INTELLECTUAIS ORGÂNICOS E AS IDENTIDADES BRASÍLICAS ENTRE O ANTIGO REGIME E A MODERNIDADE.....	33
HIBRIDIZAÇÕES CULTURAIS EM PERNAMBUCO: DE HENRY KOSTER A HENRIQUE DA COSTA.....	35
UM PEQUENO GLOSSÁRIO.....	37
TABELA DE APOIO COM CONVERSÕES DE MOEDAS, OURO E MEDIDAS NAS COLÔNIAS PORTUGUESAS (SÉCULOS XVIII A XIX).....	38
PROPOSTAS PEDAGÓGICAS E OUTROS USOS PARA A CARTILHA.....	39
REFERÊNCIAS.....	40

HENRY KOSTER: ENTRE 04 PROJETOS DE PODER E O ATLÂNTICO

Viajar perder países, ser outro constantemente!

Navegar é preciso, viver não é preciso!

(Fernando Pessoa)

Ao abandonar o gélido outono de Liverpool e desembarcar, 35 dias depois, no paço da alfândega do porto de Pernambuco, na primavera tropical de dezembro de 1809, o luso-britânico Henry Koster poderia, muito bem, ter inspirado estes clássicos versos de Fernando Pessoa, quase que literalmente.



Koster foi agente de sua própria história atlântica, vivendo, entre 1809 e 1820, sob 04 projetos de poder: a ascensão do Império britânico ao topo interestar do capitalismo; o declínio do Império português agora em sua metrópole pluricontinental; o surgimento do Brasil, como Estado, tentando centralizar várias ex-colônias como uma Nação e a recusa de Pernambuco em deixar de ser Capitania para ser província de uma ex-colônia.

A insatisfação dos franceses com o Tratado de Utrecht (1713), em uma *era de revoluções*, leva à batalha de Trafalgar (1805), cuja vitória dos ingleses sobre as forças de Napoleão, abre definitivamente, as portas do Atlântico para as suas marinhas, militar e mercante.



A globalização levou seres humanos pertencentes a diferentes matrizes culturais a desenvolverem vocabulários que estabelecessem vias de comunicação entre elas, como explica Gomes (2016, p.08) “Tal é o caso do uso de alguns conceitos amplamente disseminados na gramática das ciências humanas e sociais, tais

como: negociação, circularidade, apropriação, transferências culturais, zonas de contato, recepção, entre outras.”

HENRY KOSTER OU HENRIQUE DA COSTA: ETNICIDADES AMBÍGUAS ?

Meu nome é Koster, Henry Koster, porém, caso preferir, pode me chamar de Henrique da Costa, “porque acredito que me comunico melhor em português do que na minha língua nativa”. Talvez ele possa ser percebido, em termos de etnicidade, como um sujeito hibridizado culturalmente, tendo em vista que, enquanto de família inglesa e autodenominado inglês, nasceu em Lisboa (1783?-1820?)¹, onde permaneceu até 1801, quando foi para Liverpool, e viveu outros quase dez anos no Brasil², onde veio a falecer na vila de Goiana, em Pernambuco.

Também podemos compreendê-lo como um mediador cultural ou intelectual orgânico, estando as suas experiências e apropriações de conhecimentos, próximas a um processo representativo de adaptação cultural, a qual “pode ser analisada como um movimento duplo de desconstrução e reconstrução, retirando um item de seu local original e modificando-o de forma que se encaixe em seu novo ambiente, não menor ou pior, e sim, muito mais rico e cumulativo, a que alguns, como Peter Burke, denominam de diglossia.



Através de suas narrativas e representações, como no seu *Viagens ao Nordeste do Brasil (Travels in Brazil)*, publicado em 1816, ele foi um agente multifacetado detentor de conhecimentos adquiridos com transferências culturais múltiplas. Nos esforçamos em compreender os processos civilizadores e as hibridizações e apropriações culturais decorrentes das interações entre os discursos hegemônicos e dominadores do universalismo europeu e do controle interestatal do capitalismo histórico³, e os saberes subalternos dos colonizados pernambucanos durante a formação da identidade nacional brasileira, quando Pernambuco já era símbolo de Brasil, porém o Brasil não representava Pernambuco.

¹ As datas respectivas de suas natalidade e encantamento não são muito precisas.

² Além de viajar por algumas capitanias do Norte como Parahyba, Siará, Maranhão, Rio Grande (do Norte), também residiu em Pernambuco e em Itamaracá.

Koster veio ao Brasil com um extraordinário “capital étnico” e conhecimentos prévios sobre o Brasil adquiridos de Robert Southey⁴ e de outras possíveis fontes de viajantes, utilizando-se destas e de suas próprias experiências empíricas para consolidá-lo. Um dos objetivos primordiais que interessava à *gentry*, a elite rural inglesa que prevalecera depois da revolução gloriosa, era a abolição do tráfico negreiro força de trabalho nas colônias britânicas, também era de base escravista.



Ao migrar e residir na Praça de Pernambuco, entre 1809 e 1820, na qualidade de cidadão do império dominante da vez, o multifacetado homem de letras e agente global luso-britânico Henry Koster, também viveu como o senhor de engenho Henrique da Costa, além de realizar um estudo comparativo sobre o escravismo para os abolicionistas britânicos, apropriando-se de conhecimentos hibridizados essenciais da cultura pernambucana.

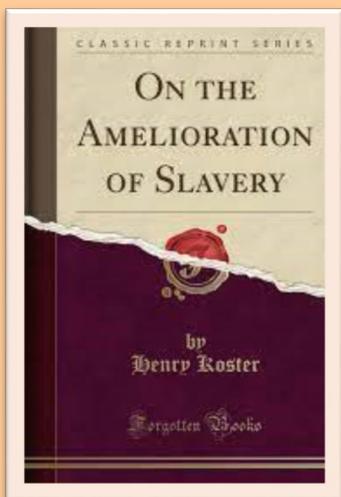
Durante a sua estadia, ele cuidou dos negócios, estabeleceu uma rede social, instalando uma identidade própria no seu lugar dominante junto à elite pernambucana. Como bom observador anotava, com detalhes, tudo o que via em suas viagens e no seu dia a dia. Tomava parte da vida brasileira, conhecendo seu povo, seus usos e costumes, convivendo nas ruas com as mais diferentes camadas da população e frequentando festas da sociedade local.

Já em 1810 recém-chegado às terras brasileiras, rapidamente recuperou-se de suas mazelas e resolveu enfrentar uma viagem a cavalo para a Parahyba e de lá foi até o Siará Grande. Voltou ao Recife no início de fevereiro de 1811 e já no final do mês viajou novamente, desta vez por mar, para o Maranhão, de onde regressou para a Inglaterra.

Em 27 de dezembro do mesmo ano, voltou ao Recife e fez uma viagem ao sertão de Pernambuco. Quando retornou, arrendou primeiro um engenho em Jaguaribe, negócio que não deu muito certo. Posteriormente, instalou-se no Engenho Amparo, na ilha de Itamaracá, tornando-se agricultor e senhor-de-engenho.

Retornando à Inglaterra, em 1815, resolveu escrever um livro sobre o Brasil. Publicou-o em Londres, sob o título *Travels in Brazil*, em 1816, incluindo grande iconografia que está presente nesta cartilha. A obra obteve uma grande repercussão na Europa, com várias edições publicadas em diversas línguas. A edição brasileira do livro que utilizamos, com tradução

de Luís da Câmara Cascudo, foi publicada em 1942, com o título *Viagens ao Nordeste do Brasil*.



Em 1816, publicou também, um importante panfleto político a favor da abolição do tráfico negreiro denominado *On the amelioration of slavery*, traduzido para a língua portuguesa em *Como Melhorar a Escravidão*, onde fez um estudo comparativo entre o escravismo colonial em Pernambuco e nas colônias britânicas das Antilhas.

Não sabemos que motivos o fizeram retornar ao Brasil. Talvez a doença tenha voltado a se manifestar, ou até mesmo a falência do pai, e conseqüentemente da família, o tenha feito optar por voltar à Pernambuco em 1817. Ampliando nosso horizonte de expectativas e contrafactualidades, teria sido Koster um agente da maçonaria que veio implantar um movimento social no Brasil?

Ao apagar das luzes, à procura de um clima melhor para sua saúde, porém sempre próximo de intelectuais, instalou-se em Goiana (Itamaracá), base do Movimento constitucionalista⁵ e importante centro político em 1821, com a criação de uma junta que governou Pernambuco. Outro viajante inglês, seu contemporâneo James Henderson, anotou que Henry Koster teria retornado ao Recife em fins de 1819, onde faleceu no início de 1820, sendo enterrado na freguesia de Santo Amaro das Salinas, no chamado cemitério dos ingleses, em local não identificado.

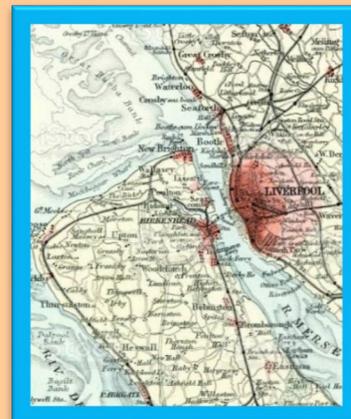
Koster representa, de fato, um cidadão do mundo globalizado, multifacetado e interessado em todo tipo de recursos que auxiliasse o capitalismo e o progresso da modernidade. Um homem de letras ávido por conhecimento unidisciplinar, como prefere Wallerstein () e Burke chama de homem de letras ou até de polímata.



⁵ Ver Convenção de Beberibe.

LIVERPOOL, SEU PORTO SEGURO E A FAMÍLIA KOSTER

Mas, afinal, a que mundo ele pertencia, quem era a família Koster? O que fez o seu pai Sir John Theodore Koster ou a sua mãe Susanne Maria Koster? Antes de mais nada, o grupo étnico a que pertenciam os Koster, foi um produto do capitalismo histórico, na transição dinâmica do poder das repúblicas dos países baixos, após a Revolução Gloriosa, para o nascituro império britânico, sob as luzes de uma era das revoluções.



O pensamento dos Koster é muito influenciado pela ideologia da *gentry* britânica, notadamente nas ideias conservadoras de Edward Burke, no liberalismo utilitarista de Adam Smith e David Hume.

John Theodore Koster, era amigo de Robert Southey, primeiro historiador brasileiro ou *Brazilianist*, segundo Sérgio Buarque de Holanda e Manuel Oliveira Lima. Por outro lado, o mesmo se dizia melhor conhecedor da língua portuguesa do que da sua própria (inglesa).



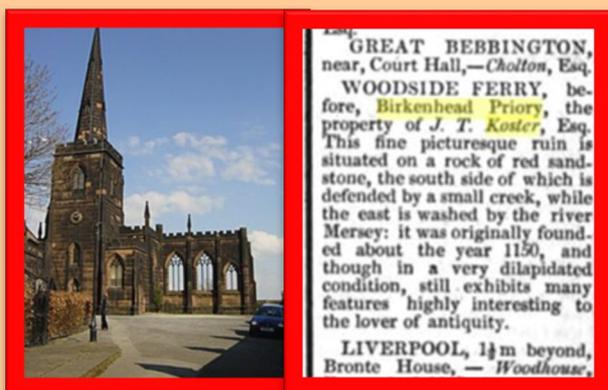
Enquanto, em 1757, o ouro brasileiro era utilizado pelos portugueses para recuperar a sua metrópole, Lisboa, vítima de um destruidor terremoto, a praça de Liverpool iniciava um processo de domínio do tráfico transatlântico de escravizados que duraria até o final do século XVIII, encerrando-se, oficialmente em território

britânico em 1807.

Por coincidência foi este mesmo metal amarelo, contrabandeado de todas as formas, que fez a fortuna da família Koster, assim como de tantas outras famílias inglesas.

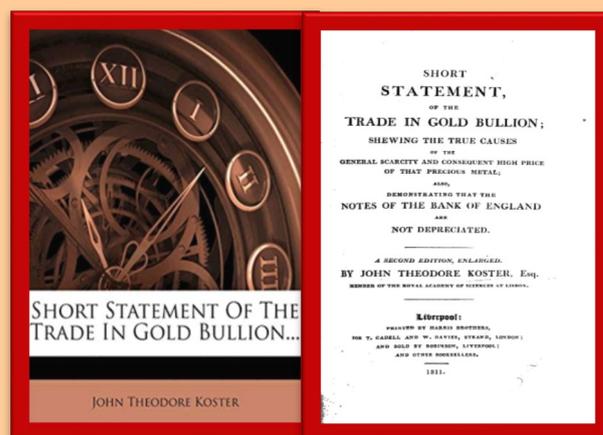
Sir John Theodore Koster, negociante de grosso trato, e viajante por necessidade, desde 1776, triangulava entre Lisboa, onde era membro da Real Academia Portuguesa de Ciências, funcionando como agente duplo para o coração financeiro britânico em Londres conhecido como “The City”, trabalhando com o ouro contrabandeado do Brasil.

Sua principal tarefa era fazer com que o nobre metal brasileiro chegasse ao centro financeiro londrino. Com a diminuição no fluxo de produção no Brasil, já dono de considerável crédito e grande fortuna, embarcou para Liverpool, com a família em 1803, agora para negociar com outra “droga” ou commodity também produzida nas capitâneas do norte brasileiras, notadamente em Pernambuco e no Maranhão: o algodão ou “ouro branco”.



Em um dos pólos do capitalismo industrial do império britânico, já é outono, neste ano do senhor de novembro de 1810, nesta época do ano costuma fazer muito frio em Birkenhead Priory, do outro lado do rio Mersey no condado de Cheshire, onde se chegava atravessando de ferryboat em Woodside.

Enquanto observava ao longe a cidade de Liverpool na esplêndida vista de sua propriedade, sentado ao pé de uma lareira milenar, na sua biblioteca reformada daquele antigo convento e, possivelmente, decorada com móveis artisticamente elaborados com essências madeireiras tropicais, Sir John Theodore Koster fazia a última leitura do seu “Uma breve declaração sobre o comércio de lingotes de ouro: com uma tentativa de demonstrar que notas bancárias não são depreciadas.,



artigo que encaminharia ao parlamento britânico, contestando um panfleto de um jovem integrante do partido *whig* chamado Mr. Ricardo que em abril daquele ano havia publicado uma obra chamada “*The high price of Bullion, a proof of depreciation of banks notes*”⁶.

O pai de Henry conheceu Southey quando ele estava em Portugal estudando temas ibéricos, inclusive coloniais. Em 1810 ele publica o primeiro volume da sua obra História do Brasil, considerada o batismo oficial de uma

⁶ O alto preço do metalismo (lingotes de ouro ou prata), uma prova da depreciação das notas bancárias.



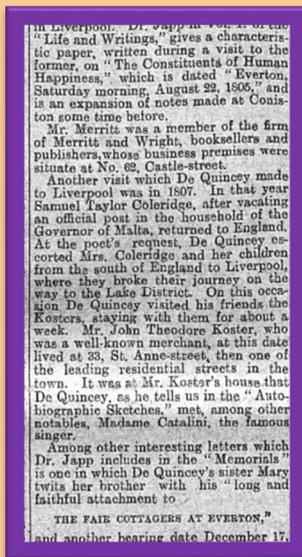
nação ainda por ser inventada, cujo principal padrinho seria o império britânico, monarquia constitucionalista, liderado pela Inglaterra, Estado-Nação prestes a assumir o topo do capitalismo histórico interestatal.



A família Koster era um produto da *gentryfication*, um fenômeno que Immanuel Wallerstein imputa às transformações e interações sofridas entre a elite rural inglesa que prevalecera depois da revolução gloriosa e a nova burguesia britânica.

A partir das crises de grãos (trigo, principalmente) e com a liberdade de opinião, ao publicarem seus panfletos, ampliava-se o compartilhamento de conhecimentos e consequentemente, a experiência dos ingleses, como Mr. Koster e Mr. Ricardo, juntamente com uma série de grandes negociantes britânicos, como Thorton e Tooke, todos herdeiros das idéias dos escoceses Adam Smith e David Hume e Malthus. Desenvolve-se então a *Teoria do Valor*.

Sem o saber, de forma empírica e dialética, estavam discutindo sobre as bases teóricas do sistema monetário e financeiro, baseados no padrão-ouro, que viriam a nortear o mercado capitalista globalizado até o ano de 1928.



Quanto ao nosso Henry, além do pretense tratamento de saúde, também tinha outras missões a cumprir: viajar até algumas localidades nas *hinterlands* solicitadas por seu pai, que tinha negócios no Maranhão, escrever um tratado comparativo entre as formas de escravidão no Brasil e nas Antilhas, entre outros impensados destinos que a própria vida haveria de lhe proporcionar.

Ao deixar *Birkenhead Priory*, talvez Henry tenha resolvido passar antes na casa de número 33 da rua *St. Anne*, em *horwood*, um bairro de Liverpool, despedindo-se da sua mãe Susanne Maria Koster e das suas irmãs⁷. Em 2 de novembro de 1809, com a saúde debilitada e devidamente agasalhado nas gélidas docas do porto, ele parte de Liverpool, para uma viagem transatlântica de 35 dias que mudaria o seu destino.

⁷ Ver *Liverpool Weekly Courier*, Saturday, 26 de julho de 1902. Ver também cartas de Robert Southey.

PORTO E PRAÇA DE PERNAMBUCO SOB OS OLHARES DE HENRY KOSTER

“Para entrar no porto, vindo de alto-mar, ponha em linha reta o Forte do Picão[D] e o Forte do Brum[E], até ter a ponta de Olinda diretamente ao Norte: então vire para o Norte até fazer coincidir a Cruz do Patrão[F] com os coqueiros de Santo Amaro[I]. Rume, agora, em direção à mesma Cruz do Patrão até alcançar a parte interna dos arrecifes, ficando o Forte do Picão ao sul. Aí se pode ancorar ou então prosseguir para o sul, para o Porto do Mosqueiro.

Para entrar pelo canal para pequenas embarcações, vindo de alto-mar, conserve a mesma marca, isto é, faça coincidir os Fortes do Picão e do Brum, até à distância de um quarto de milha do Forte do Picão. Ponha então em linha reta os dois baluartes do sul do Forte do Brum e, livrando o extremo norte dos arrecifes descobertos, dobre a pequena distância deles, mantendo-se assim até alcançar o Porto do Mosqueiro. “

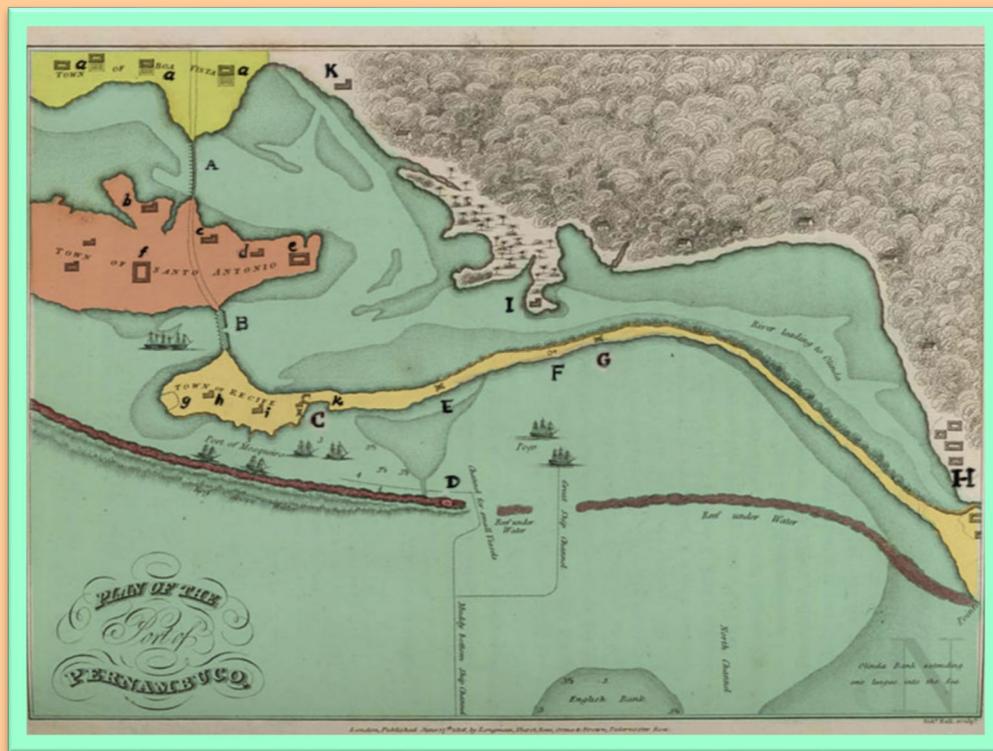


Fig. X - KOSTER, Henry. 2003, p.12 verso – *PLAN OF THE PORT OF PERNAMBUCO*. Copiado da edição original. London, 1816 (original em preto e branco, colorização feita pelo autor)

Vamos utilizar este mapa de Koster, acima, como referência para navegar, arruar e cavalgar, seguindo os seus caminhos pela Praça de Pernambuco. Fiquem atentos às letras maiúsculas e minúsculas de A até K.

AS INSTITUIÇÕES DE CONTROLE MILITARES, CIVIS E ECLESIÁSTICAS



A entrada do porto do Recife, também denominado de Pernambuco pela forte identificação com a Capitania, estava guarnecida pelos fogos cruzados dos fortes de São Francisco,



ou Picão[D], e do forte do Brum[E].

Quando o navio Lucy ancorou no atracadouro do cais da alfândega, próximo ao *mosqueiro*, na villa de Santo Antônio dos recifes, era dezembro de 1809, primavera-verão nas capitânicas do norte, de um Brasil recém-inventado, “Ainda não era meio-dia. O mar estava calmo. O sol brilhava com todo o seu esplendor, e tudo que nos cercava tinha um aspecto agradável. Todas as casas eram



branqueadas a cal. O sol, ferindo-as com seus raios, dava-lhes um brilho faiscante”, assim descreve Koster, a sua chegada.

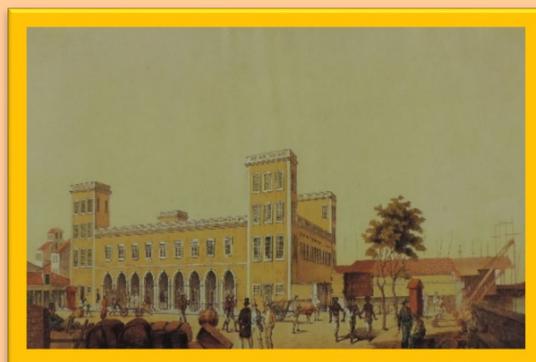
Atravessando as barras grande e pequena, depois de visualizarem a cruz do patrão [F], pilotos de brigues, escunas, barcaças e sumacas, embarcações de todos os tipos e calados, conduzindo entre mercadorias diversas, palavras escritas ou não, corpos e almas de viajantes transatlânticos, a serem disciplinados, procuravam seus atracadouros, em um entra e sai

frenético, lembrando movimentos de sístole e diástole.

Primeiro o atracadouro de triagem, o “perigoso” poço, de onde eram disparados tiros de canhão para sinalizar à Intendência um pedido de acesso e condução (TOLLENARE, p.), caso fossem negreiros os navios deveriam



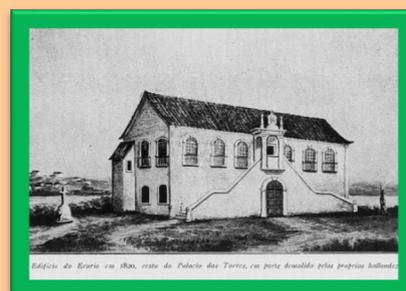
aportar na praia do Pilar, depois de liberados pela citada autoridade portuária ou pela provedoria real de saúde (KOSTER, 2003, p. ;CARVALHO,), poderiam levar sua carga até depois do mosqueiro ou do lameirão para atracação nos diversos cais que davam acesso aos trapiches e armazéns existentes, para tão logo quanto possível, realizar o circuito no sentido inverso e retomar os seus destinos oficiais ou fictícios.



As primeiras pessoas que os viajantes recém-chegados ao porto de Pernambuco percebiam, ou eram negros escravizados que voavam em suas velozes jangadas ou os fiscais da Intendência da Marinha, que atendiam ao chamado das embarcações.



O Erário Régio, tinha sua própria edificação. Porém o antigo colégio dos jesuítas, próximo ao cais dos flamengos, também abrigava uma tesouraria.



O Governador pode julgar uma causa sem apelação mas, querendo, encaminha-a ao juiz competente. O Procurador da Corôa, procurador-geral, é uma autoridade de consideravel poderio. O Intendente de Marinha, comandante do Porto, é igualmente consultado nas materias de primeira importancia, assim como o Escrivão da Fazenda Real, chefe de Tesouraria, e o Juiz da Alfandega, superintendente das tarifas. Esses sete funcionários formam a Junta, ou conselho, que se reune, vez por outra, para debater e decidir os negocios da Capitania a que pertencem .(KOSTER, 2003, p.62)

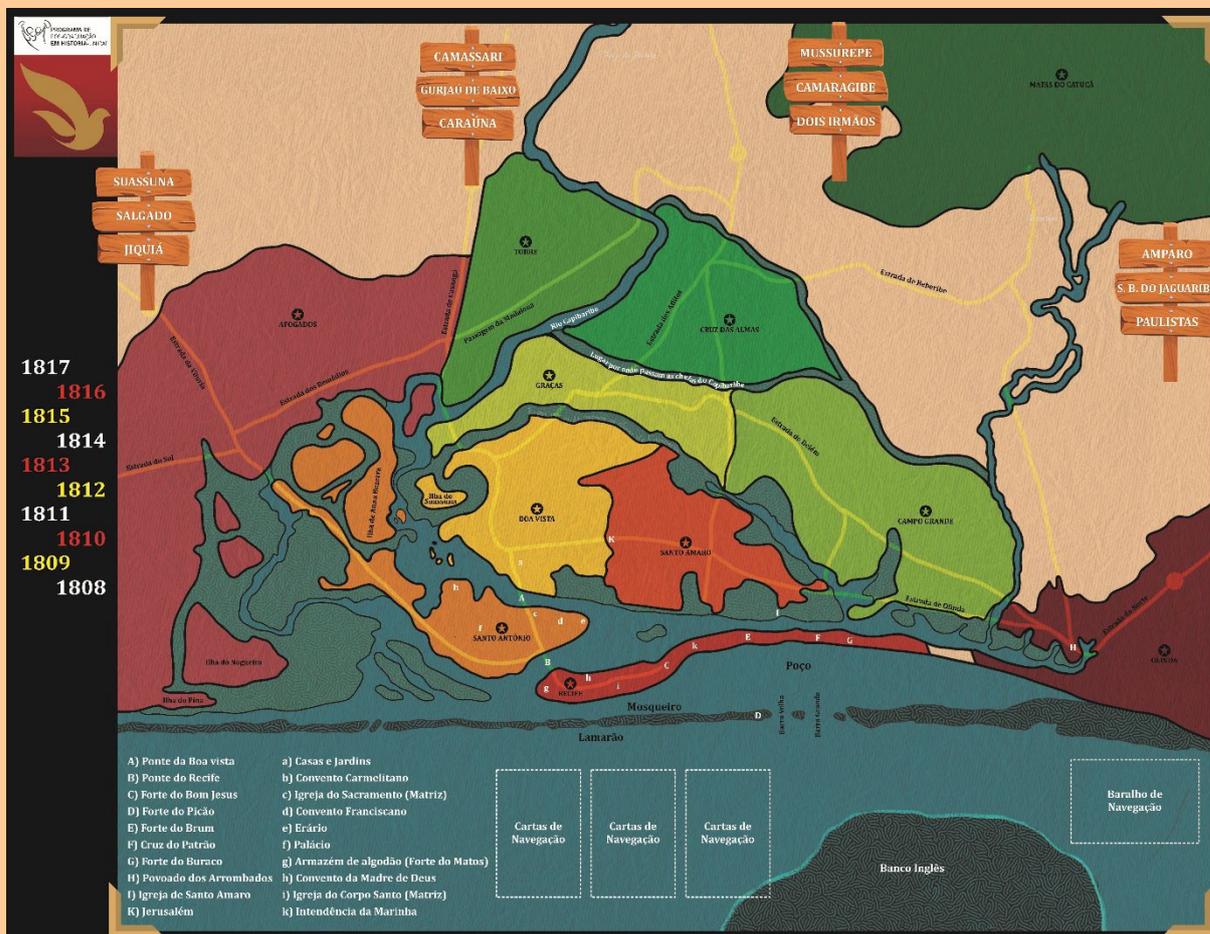
Henry Koster inicia os seus processos dinâmicos de hibridização cultural, pelo viés político-econômico, tentando adquirir o respeito, confiança e credibilidade das autoridades e da Elite pernambucana. Também o fez, nas suas viagens por engenhos e povoações em outras capitánias. Assim logo que desembarcou, dirigiu-se às autoridades locais, apresentou suas credenciais, identificando-se formalmente, e solicitou um passaporte de livre trânsito.

ARRUANDO COM KOSTER PELA VILA DE SANTO ANTÔNIO DO RECIFE

Os espaços-territórios das vilas de Recife e Olinda dividiam o seu imaginário administrativo-religioso em repartições, ora seculares os bairros, ora eclesiásticas, as freguesias, cujos limites nem sempre coincidiam com os do Estado. O conhecimento dos corpos e almas estava sempre com a Igreja católica, conduzindo a antropização das cidades e trazendo a modernidade e o progresso global ao ocidente (WOODS JR, .

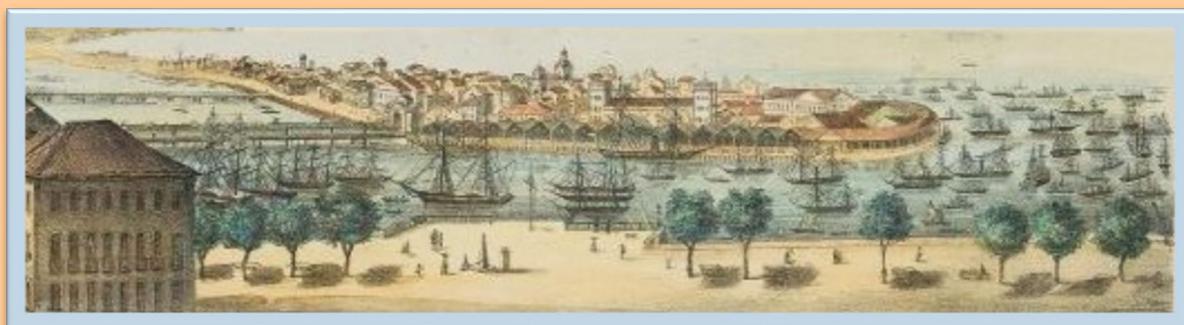
A escala bairro há muito se faz presente na paisagem urbana recifense. Desde os primeiros engenhos no vale do Capibaribe, passando pelas freguesias e povoados, arrabaldes, hoje Regiões Político-Administrativas e bairros componentes. Esses contornos ainda parecem ser os mesmos. Engenhos que viraram bairros. [...] É um módulo espaço-social, outrora paroquial, associado a um suporte físico que o encerra. Ademais, apresenta sempre três características simultâneas e integrantes entre si: uma forma e um tamanho, um limite político-administrativo que o representa frente ao Estado e uma carga histórico-cultural da sociedade a que pertencem. (BARROS, 1999)

Uma freguesia era uma célula menor, simultaneamente eclesiástica e administrativa, de um urbano maior, de que fazia parte. Era um posto de reconhecimento elevado, tinha status de povoado que se elevava à categoria de freguesia ou paróquia.



FREGUESIA DO RECIFE (SÃO FREI PEDRO GONÇALVES)

No coração capitalista da capitania formado por porto e freguesia de São Frei Pedro Gonçalves, ou bairro do Recife, ficavam os armazéns e trapiches dos negociantes de “grosso trato”, ao mesmo tempo que lucravam com o tráfico de corpos e almas, agiam como beneméritos e fervorosos católicos, os principais financiadores e executores das transformações antrópicas, demandadas pelo conhecimento e pela fé das instituições religiosas e autorizadas, sempre em troca de benefícios político-fiscais, pela coroa e seus representantes.



A antiga Rua da Cadeia Velha ou Rua do Crespo, hoje 1º de março, Largo da Alfândega, Praça do corpo Santo, Pátio do Terço, Bolsa ou Lingueta, Rua da Senzala Velha, etc.

Nosso aventureiro, luso-britânico, descreve como passou a Páscoa do ano de 1810 na Matriz do Corpo Santo: “No dia seguinte, sexta-feira, a decoração das igrejas, o traje das mulheres e mesmo as maneiras dos dois sexos, mudaram. Tudo estava sóbrio. Pela manhã com os mesmos companheiros saí para assistir na Igreja do Sacramento a representação da descida da cruz do Nosso Salvador”.



Era a “Igreja Parochial de S. Frei Pedro Gonçalves da Villa de Santo Antonio do Recife do Bispado de Pernambuco no Brazil; como também o altar que nella se acha pertencente `confraria do Santíssimo Sacramento”.

Durante a procissão até a Igreja, Tollenare, identificou essa pompa barroca nos rituais católicos “todo mundo se ajoelha; se há algum corpo da guarda perto, o tambor rufa, os soldados entram em forma, põem o joelho em terra e dão um cabo e dois soldados que acompanham descobertos aos padres.”

Os arcos da Conceição e de Santo Antônio, continham cada um uma respectiva capela, fechavam as entradas da ponte Maurício de Nassau

Como bem lembra Koster, ao descrever a ponte do Recife (depois sete de setembro e Maurício de Nassau):

A ponte que leva a Santo Antônio tem uma estrada empedrada nas extremidades. Em cada ponta há uma capelinha. Na do norte há um piquete de seis a oito homens, comandados por um sargento. A ponte é formada parte de arcos de pedra, parte de madeira. É perfeitamente horizontal e ladeada de pequenas lojas que a tornam tão estreita que dois carros não passam um perto do outro (KOSTER, 2003, p.39).



Arco da Conceição na cabeceira da ponte do Recife (Maurício de Nassau) do lado da rua do Crespo. Quem copiou quem? Era muito frequente que artistas copiassem outras obras, as vezes o próprio autor fazia vários esboços de uma mesma paisagem ou monumento.

Segundo relata James Henderson, diplomata inglês que aqui aportou em 1819, para sair da freguesia do Recife para a ilha Mauricéa, atravessava-se uma ponte denominada de “Santo Antônio, que tem 290 passos, era em grande parte de pedra, mas por ter cedido, teve o seu restante imperfeitamente construído com madeira. [...] Possui em cada extremidade um arco de pedra elegantemente construído, acima do qual existem pequenas capelas, nichos e santos, onde são celebradas missas”.

FREGUESIAS DE SANTO ANTÔNIO E DE SÃO JOSÉ

A antiga Ilha de Antonio Vaz foi totalmente transformada pelas grandes antropizações “urbanas”, primeiro com as intervenções flamengas e depois com as portuguesas.

Tollenare descreveu esse bairro, chamado anteriormente de Ilha Mauricea, assim:

A' direita da ponte vê-se o erário que occupa um pequeno edificio, outr'ora parte do palacio construído por Mauricio de Nassau e destruído ha uns trinta annos. Perto dali acha-se também a prisão, vizinha de uma casa de aspecto bastante mesquinho a que chamam de sala de espectáculo. As representações acham-se interrompidas por causa do luto da rainha. A'esquerda da ponte está o palacio do governador, que é um antigo collegio de jesuítas sem nenhuma apparencia. Das janelas de detraz tem-se um bello golpe de vista.

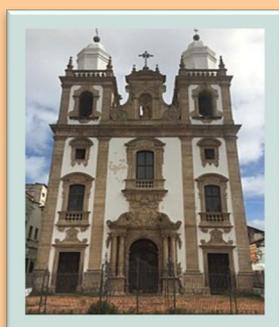


Z. MUELLER, Frei Bonifácio (1956). Vista da Ordem III e do Convento de Sto. Antônio do Recife, numa pintura de R. Schmidt c. 1826-1832. Ao lado foto da sua Capela Dourada.



Santo Antônio, o bairro central, é composto inteiramente de casas altas e de ruas largas, [...] Aí estão o Palácio do Governador, outrora convento dos jesuítas, a Tesouraria, a Casa da Câmara e prisão, as casernas, que são péssimas, os conventos dos Franciscanos, Carmelitas e Penha (KOSTER, 2003, p.39-40).

No ano de 1687 foi feita a doação do Palácio da Boa Vista, construído por Maurício de Nassau, à ordem carmelitana, para serem edificados uma igreja e um convento, somente concluídos em 1767. Em 1917 foi elevada à “Patriarcal Basílica Vaticana”, pelo Papa Bento XV, e em 1919, Nossa Senhora do Carmo foi coroada como padroeira do Recife

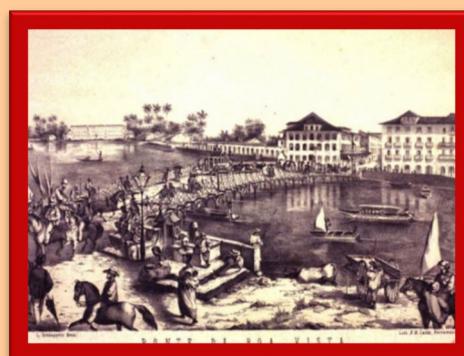


FREGUESIA DA BOA VISTA



Atravessando a ponte da Boa Vista, partindo do nascente em direção ao poente, ficava o templo inglês anglicano, imaginado por Koster em 1810 e só edificado em 1854, na antiga rua Formosa.

D. Manuel Vieira de Lemos Sampaio, penitenciário da Sé e governador do bispado de Olinda, por Provisão de janeiro de 1805, desmembrou da freguesia da Sé, da qual era curato, o território da Boa Vista, criando-o então como freguesia própria, "limitando-se ao norte com a freguesia de N. S. da Piedade de Santo Amaro das Salinas e com a freguesia das Graças, a este (oeste) com as freguesias dos Afogados e também das Graças, a sudeste com a de São José e a leste com Santo Antônio (GUERRA, 1973,p.)



Gervásio Pires Ferreira, um rico comerciante brasileiro estabelecido em Lisboa, ao perceber a decadência do mercado português, retorna à Pernambuco em 1809. Juntamente com outros membros de sua família, vem morar em um sobrado próximo ao largo e à praça da Igreja do Rosário da Boa Vista (onde foi sepultado) em uma rua chamada devidamente de “ Rua dos Pires”, a qual atualmente leva o seu nome. Sua fábrica de tecidos (produzia principalmente o “algodãozinho” muito procurado), ficava na Rua da Glória.



Daniel Kidder, missionário americano passando pelo Recife, já informava como eram as adjacências “Passando pela Boa Vista e tomando à direita vai-se ao Mondego, à Soledade, à Ponte do Uchoa e mais além, deixando a margem do rio, à légua e meia de distância, o vilarejo denominado Beberibe”. Continuando o seu arruamento, “Madalena, à esquerda da Boa Vista, é outro bairro favorito da cidade. Para lá se vai através de esplêndida ponte de pedra”.

FREGUESIA DOS AFOGADOS

Antes chamado de rio dos Cedros, é exatamente o mesmo rio dos Afogados, ou seja um braço do Capibaribe, que partindo do lado da Madalena, sai pela ilha do Retiro, beirando após o subúrbio dos Afogados, até alcançar o coração do Recife.



Comunicava-se o subúrbio com o Recife inicialmente pela "formosa calçada do pé da fortaleza das Cinco Pontas", de que fala Loureto Couto, e que não era mais do que "o espaço enxuto junto a um dique que os holandeses tinham levantado na margem do rio, até o forte Guilherme". Posteriormente, o governador Henrique Luís Pereira Freire (1737) tratou de fazer um grande aterro e construir uma ponte, nascendo destes serviços o chamado "Aterro dos Afogados", depois rua Oitenta e Nove e hoje Rua Imperial. Antônio José Muniz aproveitou os espaços alagados e os utilizou como grandes viveiros de peixes, que ficaram conhecidos na cidade como os "viveiros do Muniz" e onde hoje vemos parte da praça Sérgio Loreto e a rua que ainda conserva o nome tradicional de rua do Muniz.

ILHAS DO PINA, DO NOGUEIRA E OUTRAS

A respeito desse aglomerado de ilhas, Mário Melo indicava que: "O que sei é que a ilha do Pina deixou de existir, absorvida, pela do Nogueira e pelo continente, que também cobriu a ilha das Cobras e a da Raposa, mas o topónimo dominante é Pina, até as proximidades da Igrejinha da Boa Viagem.

O que houve foi um ajuntamento das duas ilhas, pelo entulhamento do braço da camboa, ou foz do riacho do Pina, com os serviços para melhoramentos do Porto do Recife. E, assim, o arrabalde praiano, que hoje conhecemos, com o nome de Pina compreende historicamente o conjunto das antigas ilhas da Barreto, do Cheira Dinheiro, do Nogueira e até dos Coqueiros, referência esta última que encontramos excepcionalmente no "Diário de Viagem de Maria Graham" (GUERRA,

FREGUESIA DE SANTO AMARO DAS SALINAS

Estrategicamente Localizada entre o porto do Recife e o varadouro em Olinda, essa freguesia também começou a fazer a ligação entre a Boa Vista e aquela antiga cidade, nos tempos de Koster, “que não perdeu festa alguma” inclusive a da Igreja de Santo Amaro.

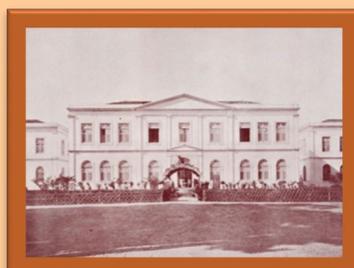


O nosso aventureiro anglo-lusitano também se refere ao Lazareto ou Hospital dos Lázaros, para onde os negros africanos recém-chegados eram encaminhados em quarentena, para fazê-lo não era necessário entrar no Recife. As pessoas escravizadas eram desembarcadas na praia do Pilar, ainda no istmo (próximo a uma igreja, de mesmo nome, erguida sobre as fundações do antigo forte de São Jorge), entre o arco do Bom Jesus, onde ficava o mercado de escravos e a cruz do patrão.

Com o tempo, o baixo Beberibe, e os arrabaldes de Santo Amaro, receberam um “esquadriamento” médico-higienista com a instalação de um cemitério para os ingleses e estrangeiros, um asilo para mendigos e um matadouro, além do Hospital dos Lázaros e do espaço de quarentena do tráfico, já referido.



O antigo Hospital dos Lázaros de Santo Amaro das Salinas, ficava próximo ao atual prédio do Hospital do Câncer, que foi incorporado à Santa Casa de Misericórdia, quando os doentes de Santo Amaro foram transferidos para a Colônia da Mirueira, em Paulista.



OUTRAS FREGUESIAS E ARRABALDES DA VILA DO RECIFE

Um pirata chamado James Lancaster informava nos seus escritos, ainda em 1595, que a vila do Recife não tinha albergues nem hospedarias. Koster, confirma isso, assim que chegou a Pernambuco. Ele morou ou abrigou-se em várias localidades.



Nos primeiros dias morou perto do porto, mudou-se logo para Cruz das Almas, um sítio pertencente a ordem religiosa dos oratorianos, próximo à capela do sítio das Jaqueiras, pertencente a Domingos Pires Ferreira e, depois, ao seu genro Bento José da Costa, cujo corpo nela foi sepultado.

Próximo havia a Ponte do Uchoa, local onde residiram vários ingleses no século XIX, além das localidades conhecidas como Manguinhos, Graças, Madalena e Torre.

Koster, aproveitou o veraneio, durante metade do ano de 1810, no Poço da Panela. Também tinha amigos espalhados por Apipucos e Monteiro, ou atravessava o Capibaribe para visitar alguém no Barbalho.



COMARCA DE OLINDA E SEUS ARRABALDES

Nos tempos de Koster, embora parecesse abandonada, São Salvador de Olinda já era uma cidade e tinha a comarca mais importante, estando a maioria das freguesias das vilas adjacentes em disposição territorial ainda ligadas, de alguma forma ao seu Bispado.

De certo modo, a vila de Santo Antônio do Recife, ainda era um termo da cidade mais antiga, e todos os bairros do Recife, precisavam pedir licença para desligar-se da comarca de Olinda, cuja função centralizadora alcançava práticas religiosas, judiciais e políticas, pois havia uma subsede da Câmara do Senado de Olinda ao lado da Igreja do Corpo Santo e do seu pelourinho, sempre lembrando que antiguidade é posto, mesmo após a guerra dos Mascates de 1710.

Como vimos com Koster até aqui, quem entrava no Porto de Pernambuco (Recife), ficava dentro das portas da vila de santo Antônio do Recife, percorrendo as suas freguesias na direção leste-oeste, na direção norte-sul as várzeas do Capibaribe “cercadas pelos mangues surgidos das cheias desse rio” pertenciam a Olinda.

Somente ao atravessar o arco do Bom Jesus alcançavam-se os territórios chamados de “fora de portas”, na direção sul-norte seguindo pelo istmo da praia do Pilar até o varadouro, passando pela cruz do patrão e rumando para Olinda.

Então como fazer para nos deslocar até Olinda e seus arredores? Observando o mapa de Koster (pág. 6), verificamos uma antiga via chamada de Rua do Hospício dos Padres Esmoleres de Jerusalém [K], na freguesia da Boa Vista. Segundo PEREIRA DA COSTA, em 1817 foi iniciada a construção da “Estrada de Olinda”, que unia este ponto a outro povoado chamado Arrombados[H], próximo à Igreja de Santa Tereza e ao varadouro, (), passando também pela Igreja de Santo Amaro das Salinas[I].



Uma das grandes vantagens competitivas da comarca de Olinda sobre a vila de santo Antônio dos arrecifes sempre foi a grande disponibilidade de água potável, a qual, em 1810, abastecia suas 4.000 almas e grande parte das 25.000 que residiam no Recife. As 24 bicas do varadouro abasteciam as canoas que iam e vinham daquela vila.

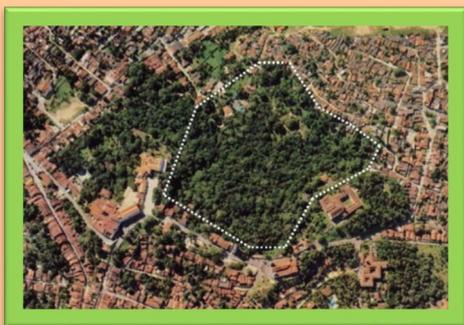
Outro pirata inglês de nome Bartholomew Roberts, que chegou em 1719, também sabia das dificuldades do abastecimento de água em *Fernan bucke* ou *Pernambuca*, que “trazida de Olinda em canoa, não chega às estradas por menos de dois cruzados o barril (DEFOE, 2008, p.125).

A cidade (vila do Recife) é suprida d'água transportada em canoas, de Olinda ou do rio Capibaribe, acima da influência das marés. O transporte é em canoas próprias e embora sejam embarcações abertas, estão comumente imundas e raramente tratam de limpá-las. Os poços cavados no areal onde a cidade é situada fornecem apenas água salobra. (KOSTER, 2003, p.42)

Na sua *Corografia Brasílica*, Aires de Casal, em 1817, já relatava um projeto de canalização das doces águas de Olinda. *Projeta-se conduzir parte deste rio desde sua origem, por um aqueduto dum léguas de comprimento até o Bairro da Boa Vista (CASAL, 1976, p. 261).*

O REFORMISMO ILUSTRADO PORTUGUÊS EM PERNAMBUCO

Ao visitar as bicas do varadouro em Olinda em 1816, Tollenare, em nota, indaga-se quanto a origem dos construtores achando que a estrutura pareceria mais com uma obra portuguesa, no que de fato, estava certo.

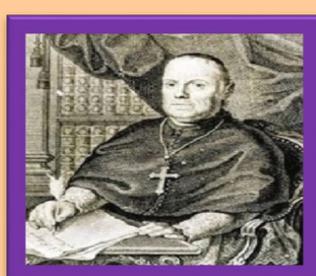


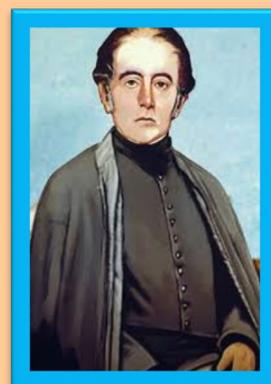
O rio Beberibe foi reprezado em Olinda por meio de um dique que os Holandeses (1) construíram para impedir o acesso d'agua salgada. E' proximo a este dique que está situado o convento; elle recebe uma porção d'agua doce do rio que depois vae despejar no mar, e é utilizada para a rega do jardim (botânico ou Horto D'el Rey), as necessidades domesticas e a alimentação de um delicioso banheiro coberto, capaz de conter 10 ou 12 pessoas.(TOLLENARE, p. 31)

Graças ao Reformismo ilustrado português, liderado por homens como, Dom Rodrigo de Souza Coutinho, o Conde de Linhares; o bispo Azeredo Coutinho e o homem de letras Manuel Arruda da Câmara, em Olinda floresciam não só as essências florestais que ajudariam a diversificar a agro-pecuária brasileira, trazidas da “La Gabrielle”, horto situado na Guiana Francesa, invadida em 1809 a mando de D. João VI.



O bispo Azeredo Coutinho ao tomar a iniciativa de fundar o Seminário de Olinda, sob os escombros do antigo colégio jesuíta, em 1800, talvez não esperasse os seus efeitos revolucionários. Com uma mentalidade ainda mercantilista, tentava fugir dos ensinamentos de Montesquieu e não conseguia compreender Adam Smith muito bem. Tendo sido ele próprio um senhor de engenhos, em Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, até os 30 anos, diferentemente de Koster e seu grupo abolicionista, era favorável tanto à continuidade do tráfico quanto à manutenção do antigo regime nos trópicos e seu escravismo colonial.





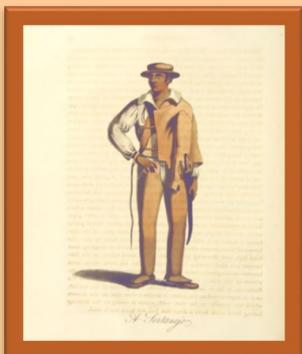
Como percebemos tanto o Marquês de Pombal, como D. Rodrigo de Souza Coutinho, Hipólito da Costa e até José Bonifácio e seu grande parceiro o intendente Câmara, entre outros crioulos nascidos nas colônias, tiveram oportunidade de viajar pela Europa e conhecer o pensamento conservador e conciliatório anglo-saxão, entre Londres e Turim, que vicejava à época. Até o Visconde de Cairú, reformista ilustrado na província da Bahia, tinha um notável conhecimento dos ideais do liberalismo utilitarista inglês.

Tal experiência não parece ter sido muito frequente entre os pernambucanos de destaque, talvez até, infelizmente, a formação de Manuel Arruda da Câmara tenha sido excessivamente voltada para a influência francesa, especificamente na Universidade de Montpellier, onde desenvolveu contatos próximos com a franmaçonaria local.

Domingos José Martins não fugia a regra. Ao seduzir a filha de um tratante e traficante de pessoas escravizadas, nesse negócio também considerado de “grosso trato”, chamado de Bento José da Costa, esse último, por sua vez, genro de Domingos Pires Ferreira, que vinha a ser o pai de Gervásio Pires Ferreira, deixou tudo *uma cosa nostra*, afinal, o que acontece na revolução fica na revolução.

Tendo retornado à Pernambuco em 1809, ao perceber que o mercado de Lisboa e o seu exclusivo metropolitano desmoronava, Gervásio Pires Ferreira e sua família, tiveram a oportunidade (COSTA PORTO,) como integrantes da junta governativa de 1821, de negociar uma situação mais equilibrada para Pernambuco com o próprio José Bonifácio, porém, possivelmente, faltaram-lhe a experiência e o *timing* necessários para uma solução conciliada e mais equilibrada, sendo surpreendidos pelo agora legalista, Pedro Pedroso, e substituído pela Junta dos Matutos, e pela família Cavalcanti de Albuquerque, melhores negociadores.

CAVALGANDO COM KOSTER PELOS SERTÕES DAS CAPITANIAS DE PERNAMBUCO (OU DO NORTE)



As 10 léguas de distância do litoral, que resguardavam os direitos dos senhores de engenho pernambucanos, deixaram de ter sentido quando a agricultura da cana declinou. Em seu lugar ressurgiu a pecuária. Sempre tida como atividade secundária da indústria da cana-de-açúcar, ela florescia nos tempos de Koster, tendo ele percorrido a “estrada do Jaguaribe” entre o Icó e o Aracati (Siará Grande). Além da carne-do-ceará, carne seca ou charque, mais utilizada como mantimentos para a escravaria e a soldadesca, a courama trazia rendimentos na exportação, bem mais significativos.

Ela representava todos os resultados dos abates de qualquer animal, exótico, como o gado vacum, ou nativos como felídeos e canídeos, porém, apenas aqueles primeiros tinham representação importante na balança comercial.



Os couros crus “em pelo ou cabelo”, de classe superior, eram reexportados principalmente para a Itália, os de segunda categoria, serviam como “rôlo” para cobrir as cordas de fumo, sempre umedecidas com melaço. Alguns couros já recebiam uma certa preparação com taninos nativos, chamavam-se “atanados”. As “meias-solas”, eram retiradas dos couros com imperfeições e, finalmente, saiam de Pernambuco os derivados de couro trabalhados mais valiosos do Brasil: as “vaquetas”.



Nesta capitania o fumo, assim como o milho e o feijão, eram plantados dentro das lavouras de algodão e das roças de mandioca, juntamente com a batata-doce, o “mindubim” e o arroz selvagem de sequeiro.

Quando viajou ao Maranhão, em uma viagem de 7 dias de navio, nosso *gentleman* pôde constatar o poder da agricultura arroseira, implantada ainda na época da Cia. Do Grão-Pará, coisas do Marquês de pombal. Já bem diversificada, lá o algodão, exportado para a Europa, principalmente França e Inglaterra, tinha tanta qualidade quanto o de Pernambuco.



O CAPITALISMO HISTÓRICO E AS ANTROPIZAÇÕES DA AGROPECUÁRIA COLONIAL JOANINA EM PERNAMBUCO

O Reformismo português trouxe vários agricultores iluminados em busca de novas oportunidades. Essa busca propiciou uma maior diversificação diante da dinâmica do açúcar braudeliana, além de uma maior integração entre alguns dos seus derivados, como as águas ardentes, ou atividades antes ditas secundárias, como a pecuária, seus derivados chamados de courama (vaquetas, meias-solas, atados e couros no pelo), iam para a Itália e a Inglaterra, principalmente.

A informação era um elemento chave e os alambiques de cobre ainda não eram utilizados. Então “químicos” ilustrados começaram a instalar laboratórios, que eram verdadeiras destilarias, vendendo licores e cachaças da terra.



As pipas de aguardente ou cachaça, eram medidas em almudes, e, segundo Koster, os alambiques eram precários fornos de barro. Para Koster o vinho era a bebida do inglês, embora o gim, bem mais barato, já embriagasse os proletários.

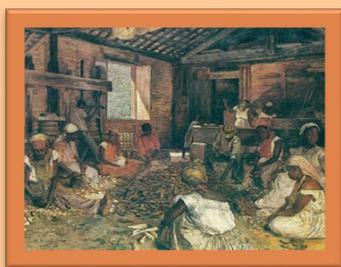
A tributação era o objetivo final de tudo, e quem estivesse no topo, como os ingleses, levava o maior quinhão. Pagavam-se tributos em Pernambuco para iluminar o Rio de Janeiro!

Cada soldado deveria beber até uma canada de aguardente, por dia, e ela custava 400 réis, pagando até 80 réis de direitos! O algodão de Pernambuco e do Maranhão eram os melhores, de fibra mais longa. Esse era o negócio de Tollenare e do pai de Koster, pagava um tributo chamado de dízimo, caso fosse exportado pagava 600 réis por arroba mais 100 por bala.



A carne bovina era duramente cobrada, pagando, somados os dízimos do produtor e do açougue, 25%, o que dava 320 réis por arroba. Os pescados pagavam dízima e redizima, ou seja, eram também duplamente tributados.

Koster chegou a criar galinhas, guínés, patos, perus e outras aves. Quando estava viajando no sertão pagou caro por uma delas, o mesmo que uma cabra ou carneiro, 3 *shillings*.

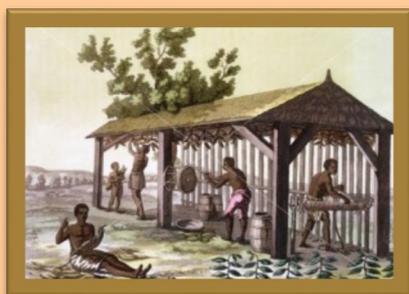
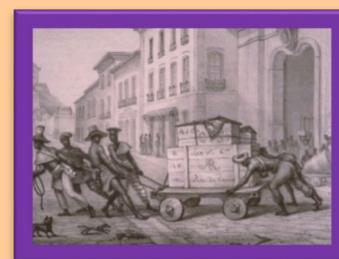


Comeu queijo, feijão, com arroz ou farinha de mandioca, custando, durante a sêca de 1816, 6\$400 o alqueire, quando o normal era 10 vezes menos. Só reclamava de comer pirão.

Geralmente os viajantes penduram suas redes nos ranchos, ficando hospedados de favor, ou ao relento.

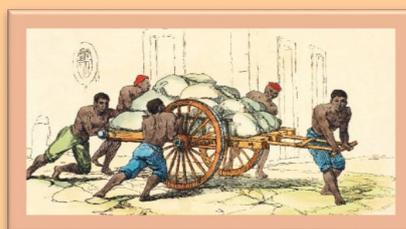
Um cavalo de sela custava de 20\$000 a 24\$000 réis, um boi adulto 6\$000 réis, já o preço de uma vaca dependia do leite. Havia farinha de trigo, para o pão, vinha dos Estados Unidos ou de São Pedro do Rio Grande.

Uma caixa de açúcar, de qualquer tipo podia pesar de 20 arrobas a 1500 libras. O branco, de maior qualidade, era reexportado para Hamburgo e outros portos europeus, era tributado em 60 réis a arroba; já o mascavado, inferior, pagava a metade e, geralmente, ficava em Portugal.



Os lavradores são rendeiros sem escripturas de arrendamento; plantam canna, porém, não tem engenhos. Enviao ao engenho, de que dependem, as cannas colhidas, que ali são transformadas em assucar; metade pertence ao lavrador e metade ao senhor do engenho; este fica com o mel, mas, fornece as caixas; cada um paga separadamente o dizimo da sua parte. Os lavradores possuem habitualmente de 6 a 10 negros, e manejam elles proprios a enxada. São Brasileiros, de origem branca, pouco mesclados de mulatos. Conteei de dous a tres lavradores por engenho.

Os trabalhadores escravizados crioulos, nascidos nas colônias americanas, ou ladinos, que falavam português, podiam plantar mandioca, feijão, fumo, arroz selvagem, milho (onde havia plantações de algodão). Quando chegavam negros da África, em Pernambuco, pagava-se 5% de dízimo. Segundo Tollenare a 900 francos cada, custariam 150\$000 réis. O que daria de direitos 7\$500 réis. Nas Minas Geraes, a peça era tributada em 3\$500 réis.



DOS ENGENHOS DA MINHA TERRA SÓ OS NOMES FAZEM SONHAR

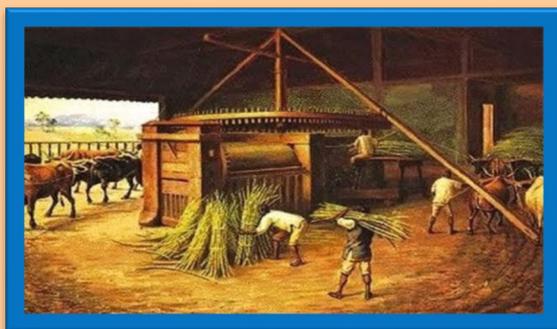
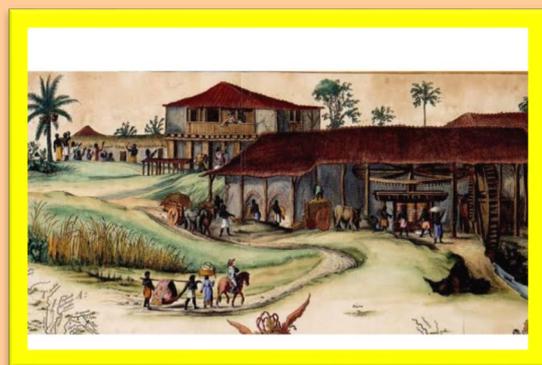
(Esperança! Estrela Dalva! Flor do Bosque! Bom Mirar!)

Ascenso Ferreira, com estes versos saudosos, tenta trazer de volta todo o glamour que a “nobreza da terra”, formada pelos senhores de engenho de Pernambuco, homens de grossa aventura ou homens de ciência e de política, temiam perder com a centralização da metrópole pluricontinental na província do Rio de Janeiro.



O engenho Nossa Sr^a do Amparo, em Itamaracá, foi onde o senhor de engenho Henrique da Costa realizou-se plenamente. Apenas mais dois, estavam “moentes e correntes”, naquela capitania: O São João e o Bom Jesus.

No São Bento do Jaguaribe, um dos mais antigos engenhos da margem esquerda do Capibaribe, os monges vinculados ao mosteiro de Olinda, foram considerados por Koster os proprietários que melhor administravam suas terras.



Koster passou por esse engenho quando atravessou as matas do rio Catucá, no caminho do sertão. Chamou-o de Paulistas. Um dos mais antigos desde o tempo dos flamengos. Deve o seu nome em função de um proprietário, bandeirante oriundo das bandas de São Paulo, que veio ajudar na destruição do quilombo dos

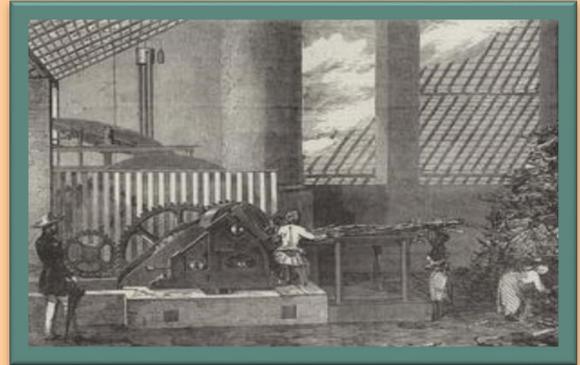
Palmares no final do séc. XVIII.

O Camaragibe (abaixo) é um dos mais antigos e com mais História dos engenhos pernambucanos. Ali viveram e morreram de Judeus como Branca Dias a traficantes de



escravizados como Manuel Correia de Andrade, este último, influente político em 1817. Após a sua morte, seu genro Pedro Francisco de H. Cavalcanti de Albuquerque que viria a ser Barão (1854) e Visconde de Camaragibe (1860). Sua invocação era San Thiago e tinha riquíssimo orago.

Domingos de Souza Leão, herdou vários engenhos, São João, Gurjaú de Baixo e também o Caraúna. Ao lado temos uma litografia de H.Y. Linton, publicada em Londres em 1854, mostrando a implantação de uma caldeira a vapor, neste último engenho, projeto do inglês Alfredo de Mornay.



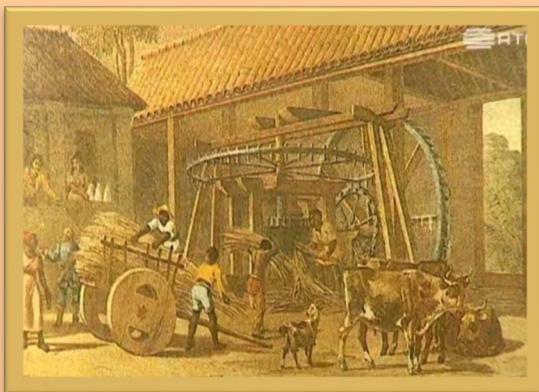
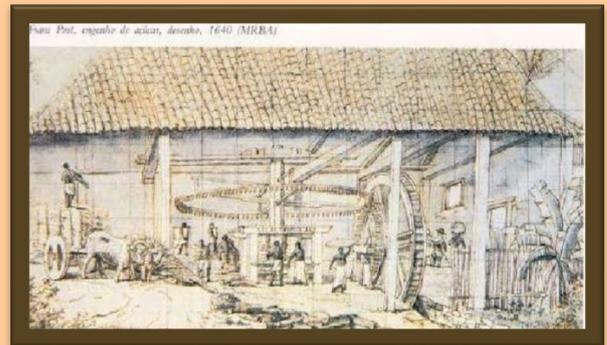
O Engenho dos Dois Irmãos, cujos donos eram seu Coió e seu Toné que , dizem as mais línguas, era casado com 04 irmãs e lutou pela república em 1817, foi desmembrado do Apipucos. Era um engenho de águas, cujo açude do Prata, na foto ao lado, é assombrado pelo fantasma de Branca Dias, criptojudia, proprietária de vários engenhos e vitimada pela inquisição. Koster mostrava, em 1810, que a

água que os recifenses bebiam vinha das bicas do varadouro em Olinda ou das doces águas do Capibaribe a partir da freguesia do Poço da Panela e do Monteiro. O novo sistema de abastecimento d'água do Recife, em 1838, canalizou as águas do Prata.

O Gurjaú de Baixo (Rio dos Sapos), pertencia, nos tempos de Koster, ao Barão de Vila Bela, Domingos de Souza Leão, proprietário também do Caraúnas.

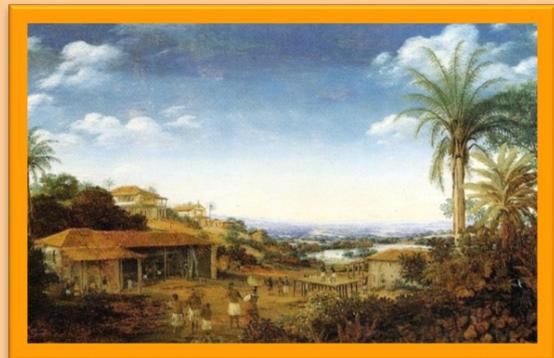


O Engenho Camassari era administrado pelos frades carmelitas, ordem a qual Frei Caneca era ligado. Quando visitava um amigo na Campina do Barbalho, Koster o visitou e identificou como um dos que melhor tratava as pessoas escravizadas, porém tinha uma administração ineficiente.

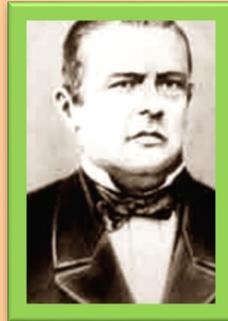


O Mussurepe, originalmente também pertencia aos monges beneditinos do Convento de Olinda, adquirido depois que os jesuítas foram expulsos das colônias brasileiras pelo Marquês de Pombal..

Tollenare, um negociante francês de algodão, que estava em Pernambuco entre 1816 e 1817, visitou o Engenho Salgado em Ipojuca. O seu proprietário à época era um grande tratante e traficante de pessoas escravizadas chamado Francisco de Oliveira Ramos (le messieur “R”). “A sua produção era de 100 a 120 caixas de açúcar por ano e trabalha com 130 a 140 negros”.



Havia um engenho-fazenda que abrigava um trapiche onde se carregava açúcar em barcas, chamada de paço do (rio) Jequiá (hoje Jiquiá). Em 1819, Luis do Rêgo Barreto, mandou construir uma estrada para (Vitória) Santo Antônio, mandando aterrar a estrada do Jequiá. Um cruzeiro retirado de lá, foi levado para a Igreja de N.Sr^a. da Paz, nos Afogados.



Um missionário norteamericano chamado Daniel Kidder, visitou o Engenho Suassuna em 1839 “distante 4 léguas da vila do recife”, pertencente à época ao Visconde de Suassuna⁸. “A principesca residência desse cavalheiro (e tratante), ficava nas imediações da Boa Vista” (Figura à esquerda). As ruínas do Suassuna, com marco inaugural de 1790, fig. à direita, ficam hoje em terras da antiga Usina Jaboatão.



Nos tempos de Koster havia uma ponte, ligando a Boa Vista às várzeas do Capibaribe, e também às terras do Engenho da Torre (alto à direita), chamada “a passagem da Madalena”, em terras de engenho de mesmo nome, cujo sobrado era a sua residência, pertencente a Pedro Afonso Duro e à sua esposa Madalena Gonçalves. Sua casa-grande ficou conhecida como Sobrado (do engenho) da Madalena, designação que se estendeu ao bairro que se formou em seu entorno. Durante o século XIX, o chamado Sobrado da Madalena passou a ser conhecido como “Casarão de João Alfredo (Correa de Oliveira)”, (no alto no centro) nascido no Engenho São João, vizinho de Henrique da Costa em Itamaracá (no alto à esquerda), ativo político pernambucano que foi conselheiro, ministro, senador do Império e personagem ativo em momentos importantes, no que se refere à abolição da escravatura.

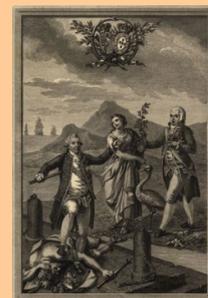
⁸ Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque. Ver CADENA, Paulo Henrique.

NACIONALISMOS E IDENTIDADES ÉTNICAS NO OITOCENTOS BRASÍLICO



Em 1815 o congresso de Viena decidiu que mesmo sem ser um Estado com governo centralizado, o Brasil deveria ser uma nação. Entretanto o reconhecimento definitivo por quem realmente interessava, os ingleses, depois de ser paga uma indenização vultuosa, só veio a ocorrer em 1825, com uma atualização leonina do Tratado de 1810.

Sob a supervisão de Portugal, já devidamente tutelado de perto pelo nascente império britânico, surge o Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. Porém, a crise do Antigo Regime nos trópicos se anunciava.

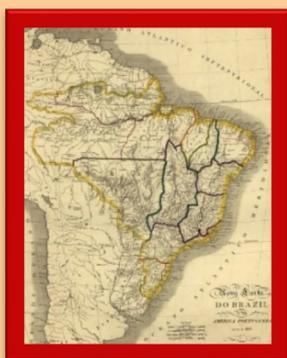


Mesmo antes da virada do século XIX, tentativas de sublevação contra “os despotismos da coroa” percorreram as colônias portuguesas na América: em 1792, quase aconteceu, nas Minas Geraes, e foi interrompida pelo governador que não fez a derrama, porém existente e abafadas, em 1798, na Bahia e em Pernambuco.

Desesperada por recursos, a corte liderada pelo adiantado D. Rodrigo de Souza Coutinho, manda tirar duas devassas com o mesmo assunto: fiscalidade dos contratos reais.

No caso de Pernambuco, trata-se da devassa sofrida pelo governador de Pernambuco D. Tomás José de Mello (1798) e dos membros da Sociedade do Sertão, cujo chefe era Francisco Xavier Cavalcanti de Albuquerque, proprietário do Engenho Suassuna e ex-contratador dos dízimos e das carnes.

Porém na Bahia, à época da revolta, era governador *Le Marquis* de Aguiar, o atrasado futuro Vice-rei do Brasil, o qual parecia não ter a mesma visão reformadora de D. Rodrigo, pois protegeu os principais revoltosos, entre eles o contratador de tributos José Pires Albuquerque.



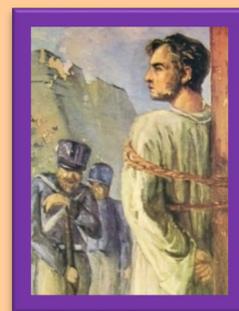
A era das revoluções, aliada aos *sediciosos princípios* e ao *topos* fundador do discurso nativista, na percepção de Evaldo Cabral de Mello, daria início a uma série de movimentos, sendo o primeiro deles a *Conspiração dos Suassuna*, de 1800, protagonizada pelos filhos do Suassuna, supracitado, talvez, já uma retaliação contra os males despóticos da coroa.

“Topos fundador do discurso nativista, a noção fora formulada pela primeira vez pela Câmara de Olinda numa representação à D. João IV (1651), em que solicitava a reserva dos cargos públicos da terra para seus “filhos e moradores”, de vez que, “à custa de nosso sangue, vidas e despesas de nossas fazendas, pugnamos há mais de cinco anos por as [capitanias do Nordeste] libertar da possessão injusta do holandês”. Afirmção fadada a grande sucesso: reiterada na segunda metade de Seiscentos e ao tempo das alterações de 1710-1711, perdurará, após a derrota da nobreza, no bolor das crônicas setecentistas para ressurgir na revolução pernambucana de 1817” (MELLO 2012, p.147).

Dos 4 projetos de poder vivenciados por ele, talvez Henry Koster não assimilasse o fato de Pernambuco achar que aderir ao projeto comercial de D. Pedro, e dos portugueses, era fácil para as províncias do Sul mas não para aquelas que não queriam perder a sua autonomia para o Rio de Janeiro, como as províncias do Norte.

A Revolução de 1817 teve repercussão global e influenciou, claramente, nas decisões tomadas em Portugal, desde a morte de Gomes Freire, ocorrida no mesmo ano, tendo a franmaçonaria como bode expiatório, até a formação das cortes de Lisboa e a Revolução do Porto em 1820.

O símbolo maior em Dezesete talvez deva-se aos eclesiásticos e às suas manifestações intelectuais, como o *Typhis* de Freia Caneca, as atitudes de Padre João Ribeiro, do Vigário Tenório, do Frei Miguelinho, do Padre Roma, atribuindo ao movimento o epíteto de “Revolução dos Padres”.



Tendo retornado à Pernambuco em 1809, ao perceber que o mercado de Lisboa e o seu exclusivo metropolitano desmoronava, Gervásio Pires Ferreira e sua família, tiveram a oportunidade, como integrantes da junta governativa de 1821, de negociar uma situação mais equilibrada para Pernambuco com o próprio José Bonifácio.

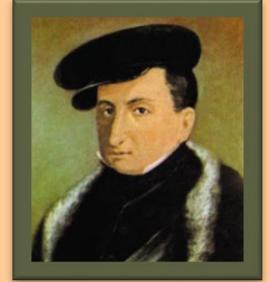
Porém os discursos de D. Pedro I e do Andrada, não eram confiáveis, sendo revelados com o massacre da Praça do Comércio e com a dissolução do congresso. Os gervasistas foram surpreendidos pelo agora legalista, Pedro Pedroso, e substituídos pela Junta dos Matutos, integrados pelas famílias Cavalcanti de Albuquerque e Paes Barreto, que aceitaram os termos luso-brasileiros.





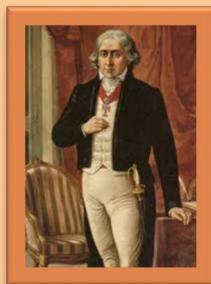
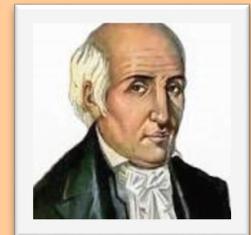
A resistência final de Pernambuco, não querendo ver aviltadas suas autonomias e liberdades, ainda era exercida pelos tratantes, homens de negócios, de ciência e de Política, como Manuel de Carvalho Pais de Andrade e Cipriano Barata.

Impregnado pelos ideais norte-americanos, em função do exílio lá cumprido após lutar em 1817, tudo fez para implantar a Confederação do Equador, em 1824.



OS INTELLECTUAIS ORGÂNICOS E AS IDENTIDADES BRASÍLICAS ENTRE O ANTIGO REGIME E A MODERNIDADE

Cada grupo étnico-social cria, dentro de uma esfera políticoeconômico-social, pessoas que funcionam como disseminadores de sua própria cultura, de modo orgânico, a partir de sua credibilidade ou carisma.

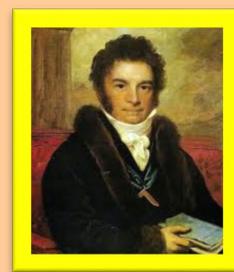


Esses intelectuais orgânicos funcionam como mediadores culturais, apropriando-se dessas memórias locais e populares existentes naqueles grupos étnico-sociais, sendo essas segundas, também ditas coletivas, formadas através das experiências vividas, através das ritualizações das tradições, por todo o grupo, reproduzindo um passado sagrado.

Quanto às memórias nacionais elas são formadas (ou reorientadas) a partir de um ideário do interesse das suas elites (Ideologias), projetando-se para o futuro, com a intenção de conter os grupos étnicos que representam a força de trabalho.

Sem sombra de dúvida, os maiores mediadores culturais a favor da centralização do Brasil como Nação e Estado, herdeiros de D. Rodrigo de Souza Coutinho, foram José Bonifácio de Andrada e o Visconde de Cairú, ideólogos e organizadores da Constituição de 1834.

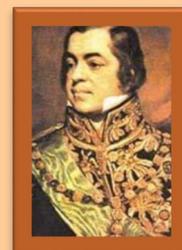
Hipólito da Costa, um desses herdeiros mediadores, tendo nascido na Colônia do Sacramento, quando esta ainda pertencia ao território brasílico, considerado por alguns, o pai do jornalismo brasileiro, de Londres, utilizou o seu *Correio Brasiliense*, talvez a serviço do Capitalismo, entre 1808 a 1822, já imaginando o Brasil como um Estado-Nação.



Agindo, sempre, através de ações politicamente orientadas, foram esses intelectuais que ajudaram a construir uma identidade nacional. Os seus discursos ideológicos nacionalistas, pressupunham a integração das memórias populares e nacionais em uma totalidade a que chamaram de Estado brasileiro, com o aval do Congresso de Viena, em 1815, comandado pelos britânicos e conduzido, arditamente, por Talleyrand, representante de uma França derrotada. Temeroso em fortalecer mais um inimigo.

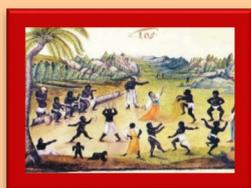
Um exemplo, típico a ser lembrado, de exercício moral da economia política que surge com o fim do antigo regime, no Brasil recém-nascido, é o do Marquês de Barbacena, Felisberto Caldeira Brandt Pontes de Oliveira Hortas.

Com um nome digno da aristocracia francesa, da qual Alexis de Tocqueville era tão saudoso, ele era neto de um grande tratante crioulo das Minas Gerais. Defensor do modo britânico de fazer negócios, e empreendedor de mão cheia, procurou logo cedo uma carreira militar na marinha, na Bahia, que o levou a Angola e aos grandes lucros do tráfico negreiro. Tornou-se tão amigo dos ingleses que foi feito ministro em Londres, enriquecendo mais ainda, como testa de ferro, de empresas de navegação, ferrovias e máquinas a vapor.



HIBRIDIZAÇÕES CULTURAIS EM PERNAMBUCO: DE HENRY KOSTER A HENRIQUE DA COSTA

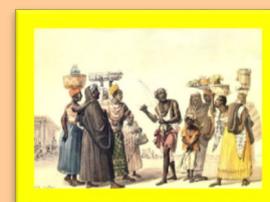
Quem governava Pernambuco quando Koster chegou era Caetano Pinto Montenegro, ele sempre alertava a população que era por ocasião das festas que os escravizados fugiam ou articulavam tentativas de fuga. O jovem inglês sabia disso, tanto que, no início de sua estada, só confraternizou com a elite, seja nos veraneios e banhos de rio ou seja nas igrejas dos brancos.



Depois das missas e batizados, ele brincou em alguns democráticos entrudos, onde escravos e senhores, inclusive mulheres, participavam do mela-mela, com água, farinha e restos de comida.

A medida que se embrenhava pelos sertões, escoltado por Júlio e outros mestiços e mulatos, é que ele ia intensificando as suas relações com as camadas mais humildes. No início precisou visitar senhores de engenho, vestidos de ceroulas e envoltos em seus robes de chambre, além de entregar cartas de recomendação a vários negociantes de grosso trato e políticos.

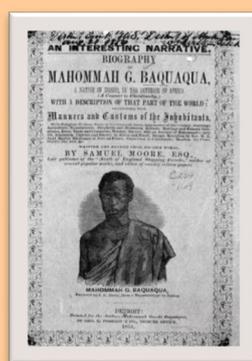
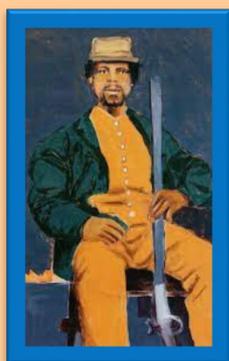
Pouco a pouco, quando já estava no engenho do Jaguaribe, ele começou a ser convidado para festas populares. Participou de sambas, onde se tocava um tambor e um urikongo, de fandangos, de mamulengos



Em das festas era utilizada como bebida uma planta narcótica, a jurema preta, ainda hoje presente nos rituais sagrados e nas celebrações de caboclos nas matas do rio Catucá, nas terras onde existiu o engenho Utinga. É a festa do *Malunguinho*, sincretismo cultural entre indígenas e negros que fugiam para o quilombo de mesmo nome nos tempos de Koster. *Malungo* era um vocábulo africano que significava amigo de viagem, termo utilizado por escravizados sobreviventes de algum tumbeiro.

Ao fim e ao cabo, após participar, como convidado, de uma porção de festas, no início só para brancos, e depois de ser aceito e respeitado pela sua própria comunidade e seus trabalhadores livres e escravizados, indígenas ou pretos, crioulos e ladinos ou até africanos.

Vê-lo encontrar a realização pessoal de ter seu nome, Henrique da Costa, cantado em português, por um glozador em uma dança de Fandango, como um dos melhores anfitriões do Pasmado, quando patrocinava uma novena em homenagem à N.S^a. da Conceição ou em uma festa dedicada a N.S^a do Rosário, assistir ao Vigário Tenório abençoando os Reis do Congo, um rito misto de oficial e oficioso, típico do sincretismo que liberta e inclui socialmente.



Tomamos acima, exemplos de 3 trajetórias transatlânticas vitoriosas entre intelectuais orgânicos descendentes de diferentes grupos étnicos-sociais minoritários e que vivenciaram o racismo capitalista brasileiro.

O primeiro, a esquerda, acrescentou ao seu nome português Emiliano Felipe Benício, o da tribo nortista Mundurucu. Pernambucano, lutou como major do regimento dos pardos, durante a Confederação do Equador, em 1823. Migrou para os Estados Unidos', onde, além de tornar-se o primeiro maçom negro em Boston, foi o primeiro a entrar com um processo por segregação racial na terra do Tio Sam.

Mahommah Baquaqua, assim como Mundurucu, migrou para Nova Iorque, nos EUA, em 1847, e depois para o Canada. Muçulmano, oriundo do atual Benin, foi escravizado no Brasil, em Pernambuco e depois no Rio de Janeiro, de onde embarcou em um navio cafeeiro.

Outro muçulmano, à direita, o Alufá Rufino, escravizado como cozinheiro em Porto Alegre, depois de conseguir a sua liberdade, trabalhou, também na mesma atividade, em navios negreiros. Morou no Recife, na rua da Senzala Velha, onde era um sacerdote.

UM PEQUENO GLOSSÁRIO

TIPOS DE ENGENHOS

- ✓ Engenhoca ou Trapiche – Eram os mais simples e menos produtivos. No início sua força motriz eram pessoas escravizadas.
- ✓ Engenho de Cavalos – Causavam muitos acidentes devido à velocidade dos cavalos que, inclusive, cansavam rápido.
- ✓ Engenho de Bois – Os bois eram mais lentos, porém mais resistentes e causavam menos acidentes. Era o tipo mais frequente na época de Koster.
- ✓ Engenho de Águas ou Engenho Real – Utilizavam força hidráulica e eram mais produtivos, porém dependiam de açudes ou animais para funcionar nas secas.
- ✓ Engenho a Vapor – introduzidos em Pernambuco apenas em 1837.

MALUNGO – S.m. Companheiro, camarada; da mesma condição. Irmão de criação, colosso (São Paulo). Etim: os negros chamavam *malungo* aos companheiros de bordo ou de viagem, generalizando-se ao depois no Brasil o epíteto; provém do locativo congôês *m'alungu*, cont. De *mu-alungu*, no barco, no navio. Jacques Raimundo, - *O Elemento Afro-Negro na língua portuguesa*, p.139, ." (Koster, 2003) . Nota do Tradutor Câmara Cascudo.

MAZOMBOS – S.m. *O filho do Brasil, nascido de gente europeia. t. Injur.* Dicionário Antônio Moraes 1789. Brasiliana Digital. Acessado em: 20ago.2020.

REINÓIS – Alcinha dada aos portugueses no início do século XVIII, na Guerra dos Mascates.

CAIADOS E MARINHEIROS - Atribuía-se a Pedro Pedroso, militar pardo, capitão do regimento de artilharia em 1817, uma raiva cega de qualquer um que não fosse do seu grupo étnico-social. Cantava ele, então, a seguinte trova: “Marinheiros [portugueses] e Caiados [pernambucanos brancos] / Todos devem se acabar / Porque só pardos e pretos / O país hão de habitar”.

TUMBEIROS – Os tumbeiros eram os navios que transportavam pessoas escravizadas, os quais devido à grande mortalidade eram considerados verdadeiras “Tumbas”, ver CONRAD, Robert Edgar. *Tumbeiros: o tráfico de escravos para o Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985. Ver também o site www.slavevoyages.org.

TRATÁNTE – S.m. O que trata negocia, S. fig. A má parte, o que faz negócios com ardil, tretas, dolo. Dicionário Antônio Moraes 1789. Biblioteca Brasiliana.

TRATADOS E TRIBUTOS – Acordos entre diferentes grupos étnico-sociais, onde cada um deles objetiva receber mais recursos do que o rival.

ESTANCOS – Monopólios estabelecidos pela coroa portuguesa para determinados produtos como: sal, pau-brasil, tabaco, azeite de baleia, ouro, diamantes, em diferentes períodos.

DESCAMINHOS X CONTRABANDOS – As mercadorias desviadas das alfândegas recebiam dois tipos de tratamento pelas autoridades: quando sua entrada era ilegal, tiravam uma devassa sob acusação de, quando sua circulação era permitida nas colônias, a acusação era de descaminho.

**TABELA DE APOIO COM CONVERSÕES DE MOEDAS, OURO E MEDIDAS
NAS COLÔNIAS PORTUGUESAS (SÉCULOS XVIII A XIX)**

☐ **SÉCULO XVIII (Ver ANTONIL -1711)**

MOEDAS	OURO
• 01 Vintém = 20 réis	• 01 grão = 0,05 g
• 01 cobre = 40 réis	• 01 oitava (de onça) = 72 grãos = 3,6 g
• 01 tostão = 100 réis	• 01 onça = 8 oitavas = 28,8 g
• 01 Pataca (320 réis/480 réis);	• 01 Marco = 8 onças ~ 230 g
• 01 Cruzado = 400 réis	
• 01 Conto de réis = 1:000\$000 = 01 milhão de réis	

☐ **Lei nº 59 de 08/10/1833). Ver Maxwell, K. A devassa da devassa. P. 177. (1751-1803)**

MOEDAS	OURO
• 01 Patacão (1810-1834) = 960 réis de prata	• 01 oitava de ouro = 3,59 g de ouro 22 quilates
• 01 Dobra = 12.800 réis= 40 patacas de prata;	• Ouro em barra quintado com guia = 1\$500 rs a oitava
• 01 Dobrão 1724-1727 (15 oitavas de ouro 20.000 réis)	Ouro em pó sem guia = 1\$200 rs a oitava
• 01 Cruzado (400 réis)	• 01 Marco = 230 g = 8 onças

- 01 Soberano de ouro (Inglaterra) = 01 Guinéu = 01 Libra Esterlina (Pound Sterling)
- 01 Libra Esterlina = 4\$000 réis = 20 xelins (shillings) = 240 pence (pennies) = 24 francos
- 01 Franco = 167 réis

MEDIDAS (SÉCULO XVIII)	SÉCULO XIX (12/09/1814 PLANO DE PESOS E MEDIDAS)
• 01 Alqueire = 13 litros	• 01 Légua = 6.600 metros
• 01 Arrátel = 459 g = 01 libra	• 01 Arroba = 15 kg
• 01 Arroba = 32 Arráteis = 14,688 kg	• 01 Arrátel = 460 g
• 01 Quintal = 04 arrobas = 58,752 kg	• 01 Pão de açúcar = 63,4 kg
• 01 Légua = 5000 ou 6000 metros	• 01 Saco = 75 kg
• 01 Braça = 2,20 metros	• 01 Barril = 01 Tonel = 120 kg
• 01 Pé = 0,33 metro	• 01 Caixa = 300 kg
	• 01 Almude = 31,944 l
• 01 Alqueire = 04 arrobas (Tollenare)	• 01 Canada = 2,66 l
	• 01 Pipa = 485 l

PROPOSTAS PEDAGÓGICAS PARA ESTA CARTILHA

I – Utilizar a cartilha, como um conjunto histórico-iconográfico de mediação cultural;

II - Em conjunto com o jogo: TRATADOS, TRIBUTOS E TRATANTES – (1808-1817)

- ✓ Associando as cartas de Fidelidade Política, com as Cartas Monumentos e as Cartas de Navegação.

p. ex: A Carta de Navegação “Espada de Prata”, pode ser associada não só às Cartas de Fidelidade Política “Gervásio Pires” e “Cruz Cabugá”, como também às Cartas Monumentos “Igreja da Jaqueira”, “Matriz da Boa Vista” e “Fábrica de Tecidos”. Explicação histórica: Gervásio Pires Ferreira era proprietário do “Espada de Prata” e está sepultado na “Matriz da Boa Vista”, seu cunhado Bento José da Costa, foi sepultado na Capela da Igreja da Jaqueira, sítio herdado do pai de Gervásio, Domingos. No caso de Cruz Cabugá ele viajou para os Estados Unidos, em 1817, a bordo do Espada de Prata, cedido por Gervásio.

FONTES

GRAHAM, Maria. **Diário de uma viagem ao Brasil.**

KIDDER, Daniel P. **Reminiscências de viagens e permanências nas províncias do Norte do Brasil:** compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1980.

KOSTER, Henry. **Como melhorar a escravidão.** Natal: EDUFRN, 2003

_____. **Viagens ao nordeste do Brasil.** Vol. I e II. Tradução de Luis da Câmara Cascudo em 1942. Recife: ABC Editora, 2003.

MELLO, José Antonio Gonsalves de. **Ingleses em Pernambuco.** Recife: IAHP, 1972.

_____. **Um mascate e o Recife:** a vida de Antônio Fernandes de Matos no período de 1671-1701. Recife: FCCR, 1981.

_____. **Obras Reunidas de Manuel Arruda da Câmara.**

SILVA, André Mansuy Diniz. **Cultura e opulência do Brasil, por suas drogas e minas.** Obra de André João Antonil

TOLLENARE, L.F. de. **Notas Dominicais.** Recife: EDUPE, 2011.

SITES, BLOGS E REDES SOCIAIS

- blog “The priory and the cast iron shore” published by Glen Huntly. Liverpool.uk.
- <https://thebirkenheadpriory.org/>
- <https://romanticcircles.org/editions/southey>
- ATLAS DOS VIAJANTES - Viajantes.bbm.usp.br
- SITE MARINHA DE PORTUGAL –
- "The Brocklehursts named their home not for one of their business bases, but for the pretty colonial city in Pernambuco state, just north of the major Brazilian city of Recife"

REFERÊNCIAS MIDIÁTICAS E ICONOGRÁFICAS

- GUERRA, Flávio. **Velhas Igrejas e Subúrbios do Recife.**
- MELO, Mário. **Arruando**

DOCUMENTÁRIOS E FILMES

- ✓ PETERLOO; MESTRE DOS MARES; RESSURECTION; VIKINGS; O HOMEM DO NORTE; O ÚLTIMO REINO; A TERCEIRA BATALHA; A FORMAÇÃO DA SIBÉRIA.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBURN, Timothy. **All that glittered:** britain's most precious metal from Adam Smith to the gold rush. New York: Oxford Universe, 2019.

ARRUDA, José Jobson de Andrade. **O Brasil no comércio colonial.** São Paulo: Ática, 1980.

BURKE, Peter. **O polímata:** uma história cultural de Leonardo da Vinci a Susan Sontag. São Paulo: UNESP, 2020.

CARVALHO, Marcus. **Liberdade:** Rotinas e rupturas do escravismo no Recife, 1822-1850. 2ª ed. Recife: Universitária UFPE, 2010.

CHECKLAND, Sydney G. **British public policy 1776-1939:** an economical, social and politic perspective. New York: Cambridge University Press, 1985.

DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato. **Uma história da vida rural no Brasil.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

DOBB, Maurice Herbert. **Teorias do valor e distribuição desde Adam Smith.** Lisboa: Editorial Presença, 1977.

ELIAS, Norbert. **Os Alemães — A Luta pelo Poder e a Evolução do Habitus nos Séculos XIX e XX.** Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste:** aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do nordeste do Brasil. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública:** investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

MELLO, Evaldo Cabral de. **A outra independência:** O federalism pernambucano de 1817 a 1824.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia; BURKE, Peter (orgs.) **Repensando os trópicos:** um retrato intelectual de Gilberto Freyre. São Paulo: UNESP, 2009.

PARRON, Tâmis. **A política da escravidão no império do Brasil, 1826-1865.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

PIMENTA, João Paulo G. Pimenta. SLEMIAN, Andréa (orgs.) **O “nascimento político” do Brasil.**

POMERANZ, Kenneth. **A grande divergência:** a China, a Europa e a construção da economia mundial moderna. Lisboa: Edições70, 2013.

RAWLS, John. **Conferências sobre a história da filosofia política.** 1ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

SILVA, Ana Rosa Clochet da. **Inventando a Nação:** Intelectuais ilustrados e Estadistas Luso-Brasileiros na crise do antigo regime português (1750-1822). São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2006.

SOUZA, George Félix Cabral de. **Tratos & Mofatras:** o grupo mercantil do Recife colonial (c.1654-c.1759). Recife: Universitária UFPE, 2012.

TIBBLES, Anthony. **Liverpool and the slave trade.** Liverpool: Liverpool University Press, 2018.

VILAR, Pierre. **Ouro e Moeda na história (1450-1920).** São Paulo: Paz e Terra, 1981.